



Universidade de Brasília
Instituto de Ciência Política

**NÓS, VÓS, ELES: A GRAMÁTICA POPULISTA FEMOCRÁTICA NOS
DISCURSOS RELIGIOSOS DE MICHELLE BOLSONARO**

Ramon de Oliveira Gomes

Brasília - DF
Fevereiro de 2025



Universidade de Brasília
Instituto de Ciência Política

**NÓS, VÓS, ELES: A GRAMÁTICA POPULISTA FEMOCRÁTICA NOS
DISCURSOS RELIGIOSOS DE MICHELLE BOLSONARO**

Ramon de Oliveira Gomes

Monografia apresentada ao Curso de Ciência Política, do Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciência Política sob a orientação do professor Frederico Bertholini

Brasília - DF

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as energias do universo que sustentam a minha energia vital.

Sou profundamente grato a todos que, de alguma forma, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização desta etapa da minha jornada. Em especial:

Ao professor, tutor e orientador, Dr. Frederico Bertholini, por iluminar os caminhos da minha pesquisa com dedicação, pelo compromisso generoso com a orientação, pelo entusiasmo nas discussões, pelas críticas sempre construtivas e pelos conselhos sábios.

Aos professores Luis Daniel Jatobá e Gustavo Mesquita, que, em outras jornadas científicas, me guiaram com paciência e rigor, proporcionando aprendizados e experiências que transformaram minha trajetória acadêmica.

À minha amada família, que, mesmo à distância, foi o farol que me guiou nos momentos de tempestade, o combustível que me impulsionou a enfrentar os desafios impostos a mim ao ingressar na universidade pública. Particularmente, minha mãe, Maria Angélica, pois cada conquista minha carrega um pedaço do seu amor, da sua dedicação, das suas batalhas e das suas orações. Tenho imenso orgulho de ser filho dessa mulher extraordinária.

À minha tia, Cláudia Gomes, que sempre acreditou em mim, me apoiando não apenas com seu afeto por mim, mas também oferecendo um de seus imóveis para que eu tivesse um lugar para chamar de lar durante boa parte desse período.

À minha querida amiga, Gabriella Alves Costa, que há anos caminha ao meu lado, compartilhando alegrias e angústias, vitórias e incertezas. Com sua presença constante, suportou comigo os desafios, acolheu minhas inquietações e celebrou meus sonhos, tornando-os também seus. Obrigado por amortecer minhas quedas com ternura e assoprar minhas feridas com a delicadeza de quem compreende até os silêncios.

Aos amigos e colegas que encontrei antes e durante a graduação, cuja troca de experiências foi um mosaico de aprendizados que enriqueceram minha jornada acadêmica e pessoal.

A cada um de vocês, minha eterna gratidão.

NÓS, VÓS, ELES: A GRAMÁTICA POPULISTA FEMOCRÁTICA NOS DISCURSOS RELIGIOSOS DE MICHELLE BOLSONARO

Resumo: Este estudo investiga a ascensão de Michelle Bolsonaro como uma peça-chave no bolsonarismo, analisando como sua atuação política e seu discurso religioso foram empregados estrategicamente para posicioná-la como mediadora das tensões políticas e mobilizar a base de apoio do ex-presidente e em torno de sua imagem. O objetivo central é preencher uma lacuna na literatura ao analisar a construção de uma estética femocrática conservadora, que combina valores religiosos e políticos para fortalecer e reforçar a narrativa populista de “nós contra eles”. Além disso, a pesquisa também oferece uma compreensão mais aprofundada sobre o projeto de poder político, fundamentado na Teologia do Domínio. Para alcançar os objetivos, esta pesquisa adota a metodologia de análise de conteúdo, examinando os discursos proferidos nos encontros do PL Mulher, além de outras fontes complementares, categorizando suas estratégias discursivas em dimensões políticas e religiosas.

Palavras-chave: populismo, religião, femocracia, conservador, bolsonarismo, primeira-dama e teologia.

Abstract: This study investigates the rise of Michelle Bolsonaro as a key figure in Bolsonarism, analyzing how her political actions and religious discourse were strategically employed to position her as a mediator of political tensions and to mobilize the former president’s support base around her image. The central objective is to fill a gap in the literature by examining the construction of a conservative femocratic aesthetic, which merges religious and political values to strengthen and reinforce the populist “us versus them” narrative. Additionally, the research provides a deeper understanding of the political power project rooted in Dominion Theology. To achieve these objectives, the study adopts a content analysis methodology, examining speeches delivered at PL Mulher meetings, along with other complementary sources, categorizing her discursive strategies into political and religious dimensions.

Keywords: populism, religion, femocracy, conservatism, Bolsonarism, first lady, and theology.

Resumen: Este estudio investiga el ascenso de Michelle Bolsonaro como una figura clave en el bolsonarismo, analizando cómo su actuación política y su discurso religioso fueron empleados estratégicamente para posicionarla como mediadora de las tensiones políticas y movilizar la base de apoyo del expresidente en torno a su imagen. El objetivo central es llenar un vacío en la literatura al examinar la construcción de una estética femocrática conservadora, que fusiona valores religiosos y políticos para fortalecer y reforzar la narrativa populista del “nosotros contra ellos”. Además, la investigación ofrece una comprensión más profunda del proyecto de poder político basado en la Teología del Dominio. Para alcanzar estos objetivos, el estudio adopta la metodología de análisis de contenido, examinando los discursos pronunciados en los encuentros del PL Mulher, junto con otras fuentes complementarias, categorizando sus estrategias discursivas en dimensiones políticas y religiosas.

Palabras clave: populismo, religión, femocracia, conservadurismo, bolsonarismo, primera dama y teología.

“O inferno são os outros.” – Jean-Paul Sartre

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
METODOLOGIA.....	9
“NÃO OLHE PARA MEU MARIDO, OLHE PARA MIM, QUE SOU SERVA DO SENHOR”.....	12
MISSÃO DIVINA: POR QUE DEUS ESCOLHE AS COISAS LOUCAS DESTE MUNDO PARA CONFUNDIR AS SÁBIAS?.....	19
ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU: PL MULHER E A TEOLOGIA DO DOMÍNIO	24
POPULISMO FEMOCRÁTICO CONSERVADOR: A GUERRA DO BEM CONTRA O MAL	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

INTRODUÇÃO

A terceira onda de populismo, que emergiu no final do século XX e início do século XXI, surge como um fenômeno global de transformação política, caracterizado pela ascensão de líderes populistas de direita que exploram a polarização social e a rejeição às elites tradicionais. Essa tendência, frequentemente alimentada por discursos anti-imigração e nacionalistas, promove uma identidade nacional que, embora se proclame autêntica e representativa do “povo”, muitas vezes adota uma retórica de caráter antidemocrático.

Como ressaltam Cas Mudde e Rovira Kaltwasser (2017), essa onda de populismo é notoriamente mais globalizada do que suas predecessoras, sendo profundamente influenciada pela crise econômica global de 2008 e pela crescente insatisfação com as instituições políticas tradicionais, particularmente nas democracias ocidentais. Em meio a um cenário de desilusão com o establishment¹ político, esses líderes se apresentam como salvadores da vontade popular, posicionando-se contra as elites corruptas e mobilizando um discurso de renovação radical e simplista da política. Como resultado, o populismo se consolida como uma força disruptiva capaz de alterar as dinâmicas tradicionais entre governantes e governados.

Considerando o cenário particular da América Latina, no decorrer do mandato de Jair Messias Bolsonaro, o Brasil tornou-se palco de uma experiência singular, marcada pelo populismo reacionário de extrema-direita. Esse período não apenas marcou a política nacional, mas também gerou um volume expressivo de análises e estudos acadêmicos dedicados a compreender as complexidades e os impactos desse fenômeno.

Duas dessas pesquisas foram particularmente relevantes para compreender a repercussão negativa desse tipo de populismo mais radicalizado, especialmente em um contexto de calamidade global causado pela pandemia de COVID-19 e pelos desafios enfrentados pela crise político-institucional interna. O primeiro texto é o capítulo intitulado “*We Are All Going To Die One Day*”, de Frederico Bertholini (2022), que tem como objetivo examinar a resposta populista de Bolsonaro à COVID-19, destacando quatro aspectos centrais: o posicionamento contra a ciência e as instituições internacionais; a mobilização de apoiadores por meio de um jogo de culpa em vez de medidas eficazes de controle do vírus; a falta de

¹ Termo utilizado para se referir ao conjunto de instituições, elites e estruturas de poder tradicionalmente estabelecidas em uma sociedade, frequentemente associado à manutenção do status quo político, econômico e social.

coordenação entre o governo federal e os estados; e, por fim, a “performance de crise” populista utilizada para legitimar sua retórica de “nós contra eles”.

O segundo texto, *“Entrenching Right-Wing Populism under COVID-19: Denialism, Social Mobility, and Government Evaluation in Brazil”*, de Lucio Rennó e outros (2021), também se propõe a examinar as diferentes respostas governamentais à pandemia de COVID-19, destacando como o ex-presidente adotou uma postura negacionista e explorou a crise de várias formas para atender a seus interesses políticos. O texto descreve como Bolsonaro minimizou a gravidade da pandemia, rejeitou o consenso científico, desmantelou políticas de saúde e utilizou a crise político-institucional para intensificar a polarização e mobilizar sua base de apoio por meio de uma “guerra cultural” nas redes sociais.

Ambos os artigos dialogam e se complementam em diversos aspectos. No entanto, nenhum dos dois estudos aborda uma figura significativa para a análise da conjuntura populista de Bolsonaro: sua esposa, Michelle Bolsonaro. Em muitas análises, seu papel é tratado de forma secundária ou com pouca relevância, sendo, em alguns casos, sequer mencionado. Diante disso, esta pesquisa pretende contribuir com a literatura, destacando como a Michelle Bolsonaro redefiniu a leitura que se tinha anteriormente sobre o papel de uma primeira-dama e como ela usa de discursos religiosos para reforçar a lógica da polarização populista. Como desfecho, percebe-se que, ao longo dos últimos anos, Michelle tem acumulado um capital político significativo, o que lhe permite seguir atuando na política mesmo após o fim do governo e a inelegibilidade de Bolsonaro — uma situação sem precedentes entre as primeiras-damas brasileiras.

Nesse sentido, os objetivos específicos deste estudo são: i) analisar o papel de Michelle Bolsonaro na construção e manutenção do governo populista de Jair Messias Bolsonaro, destacando como seus discursos com viés religioso contribuíram - e ainda contribuem - para mobilizar e consolidar a base de apoio bolsonarista; ii) examinar como ela se projeta por meio de uma estética femocrática conservadora; iii) investigar o projeto de poder claramente definido, fundamentado na Teologia do Domínio; iv) por fim, enquadrá-la como uma líder populista de direita em ascensão, cuja trajetória redefine a lógica tradicional associada ao papel feminino nesse tipo de fenômeno.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos delineados neste estudo, foi aplicada a metodologia de análise de conteúdo, com o intuito de identificar e categorizar de forma sistemática os dados subjacentes nos discursos de Michelle Bolsonaro. O material de análise consistirá majoritariamente nos registros dos encontros do PL Mulher nos 26 estados e no Distrito Federal, disponíveis no canal oficial do Partido Liberal (PL) no YouTube. Além disso, serão utilizados outros registros não institucionais, que serão incorporados ao longo do texto de forma complementar à análise categórica.

Dessa forma, foram criadas duas grandes categorias: **Razões Políticas (RP)** e **Razões Religiosas (RR)**, e cada uma delas contará com subcategorias que, de alguma forma, refletem as estratégias discursivas adotadas pela ex-primeira-dama. As tabelas a seguir apresentam a organização das subcategorias, oferecendo uma visão detalhada do objetivo de cada uma dentro das duas categorias principais. Elas servirão como base para a análise desenvolvida nos próximos capítulos.

Tabela 1.

Razões Políticas (RP)	
Subcategoria	Descrição
Construção de Identidade	Refere-se ao uso de termos e frases que estabelecem uma identidade compartilhada entre Michelle, seus aliados e o público, criando uma distinção clara entre os “nós” (o povo) e “eles” (a elite), frequentemente retratados como ameaças ao governo.
Apelos Emocionais	Engloba discursos que visam provocar emoções como compaixão, medo ou esperança, com o intuito de gerar empatia e fortalecer a conexão emocional com a audiência, explorando sentimentos de vitimismo ou perseguição política.
Defesa de Imagem	Identificação de discursos nos quais Michelle se posiciona como porta-voz da legitimidade política de Jair Bolsonaro. Estes pronunciamentos podem reforçar a imagem dele como um bom presidente, pai, marido e cristão, sustentando a legitimidade de sua posição política por meio de vínculos familiares.
Convocação à Mobilização	Refere-se aos momentos em que Michelle chama o público a agir em apoio ao governo, como votar, filiar-se ou se engajar ativamente em causas políticas.

Políticas Públicas e Voluntarismo	Envolve falas sobre seu engajamento como primeira-dama em projetos sociais e a promoção do voluntariado como uma estratégia pública voltada para o bem-estar social.
Valores Conservadores	Identificação de discursos conservadores que promovem valores tradicionais, como a defesa da família, da moral cristã e da ordem social.

Tabela 2.

Razões Religiosas (RR)	
Subcategoria	Descrição
Missão Divina	Aborda passagens em que Michelle menciona a ideia de que ela e Jair Bolsonaro foram “escolhidos por Deus” para governar, vinculando sua liderança a uma missão divina.
Apelo à Fé	Engloba discursos em que Michelle menciona igrejas, pastores ou práticas específicas do cristianismo evangélico.
Passagens Bíblicas	Emprego de metáforas e referências ao livro sagrado como forma de justificar ações e consolidar narrativas políticas.

Perseguição Espiritual	Discursos em que Michelle Bolsonaro apresenta ela e sua família como alvo de perseguições espirituais, associando adversários políticos a forças malignas ou inimigos da fé.
Teologia do Domínio	Pronunciamentos que evidenciam a influência da Teologia do Domínio em práticas políticas e religiosas, destacando a busca por estabelecer princípios cristãos como base para a governança e a sociedade.

Portanto, a sistematização dos discursos de Michelle Bolsonaro em duas grandes categorias, com suas respectivas subcategorias, tem como objetivo distinguir e analisar detalhadamente os elementos políticos e religiosos. As razões religiosas são essenciais para compreender o uso da religião como um instrumento simbólico, utilizado para construir uma identidade cristã comum que legitime um projeto de poder fundamentado na Teologia do Domínio. A categoria de razões políticas, por sua vez, possibilita principalmente enquadrar Michelle, de acordo com a literatura, como uma liderança populista.

“NÃO OLHE PARA MEU MARIDO, OLHE PARA MIM, QUE SOU SERVA DO SENHOR”

O protagonismo de Michelle Bolsonaro é um fenômeno relativamente recente. Ex-primeira-dama do Brasil (2019-2023) e esposa de Jair Messias Bolsonaro, Michelle nasceu em Ceilândia, região administrativa do Distrito Federal e é membro da Igreja Batista Atitude, onde atuava como intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) nos cultos. Antes de ser primeira-dama, trabalhou na Câmara dos Deputados entre 2004 e 2008, época em que conheceu seu marido e ocupou o cargo de secretária parlamentar. Contudo, em 2008, foi exonerada após o Supremo Tribunal Federal (STF) interpretar que a Constituição Federal de 1988 proibia a prática de nepotismo na administração pública (G1, 2024).

Com uma trajetória marcada pela discrição e um forte compromisso com seus valores cristãos, Michelle Bolsonaro permaneceu por anos nos bastidores da política, mas foi durante

a posse presidencial de seu marido, em 2019, que conquistou visibilidade nacional ao quebrar o protocolo e se pronunciar publicamente, marcando seu nome na história política do Brasil. Naquele momento, ela se destacou nacionalmente ao discursar em Libras, tornando-se a primeira primeira-dama do Brasil a se pronunciar antes do presidente (BBC, 2024a). Sua postura reservada em eventos públicos e a preferência por trajes sóbrios atraíram a atenção da mídia e de figuras políticas, que rapidamente perceberam seu grande potencial carismático e sua capacidade de gerar impacto comunicativo.

Como primeira-dama do Brasil, Michelle continuou se destacando por sua postura discreta e conservadora, alinhada aos valores cristãos e da família tradicional. Com uma sensibilidade particular, ela trabalhou em prol da inclusão de pessoas com deficiência, especialmente em questões ligadas a doenças raras, buscando dar visibilidade a essas causas muitas vezes negligenciadas. Sua dedicação a essas questões refletiu um compromisso genuíno em promover mudanças e ampliar o alcance de políticas públicas para essa parcela da sociedade. Além disso, Michelle se dedicou a ampliar a visibilidade do voluntarismo, buscando engajar a sociedade em ações que transcendem as esferas institucionais. Esse envolvimento não só a posicionou como uma defensora da solidariedade, mas também lhe conferiu um vasto repertório político, que se traduziu na habilidade de sensibilizar e mobilizar as pessoas por meio de seus discursos. A escolha da subcategoria "Políticas Públicas e Voluntarismo" (RP), reflete de forma clara esse compromisso:

“Nós construímos a diretoria de políticas para a educação de surdos, a Dipebs² no MEC. Nós educamos a Esplanada sobre a pauta da pessoa surda. No primeiro ano, nós entregamos a pensão vitalícia³ para as mães com crianças com microcefalia. Nós conseguimos também incluir o TEA⁴ no censo de 2020. Nós sancionamos a lei da carteirinha do autista, do filho do Marcos Mion, que leva o nome do Romeo. Nós investimos 5,7 bilhões em farmacotécnicas para ajudar as pessoas com doenças raras. Nós ampliamos o teste do pezinho de 5 para 50.” (Encontro PL Mulher Amapá. 13 de abr. de 2024)

² Diretoria de Políticas de Educação Bilingue de Surdos (Ministério da Educação).

³ Benefício de Prestação Continuada (Instituto Nacional do Seguro Social).

⁴ Transtornos do Espectro Autista.

“Nós criamos o disque denúncia acessível para as mulheres surdas. Foram muitas coisas. Como presidente do Pátria Voluntária, um dos eixos principais era a inclusão e acessibilidade, e nós trabalhamos muito. Entregamos o primeiro protocolo de epidermólise bolhosa, uma doença ultra rara.” (Encontro PL Mulher Mato Grosso. 2 de jun. de 2023)

“Como presidente do Pátria Voluntária, do Programa de Governo, que infelizmente está parado, mas que deixamos com 600 mil voluntários cadastrados e mais de 100 mil seguidores, eu pude incentivar e fomentar a cultura do voluntariado no Brasil. Fui criticada, dizendo que era mão de obra sem remuneração, sem legado. Mas, o verdadeiro legado foi o de formar pessoas melhores, o legado de seres humanos quebrantados.” (Encontro PL Mulher Paraná. 16 de dez. de 2023)

Historicamente, a figura da primeira-dama no Brasil tem sido forjada como uma peça-chave na construção do discurso político, funcionando como uma aliada estratégica para consolidar o poder de seus maridos. Seu papel, muitas vezes, vai além do simbólico, sendo essencial para conquistar o apoio popular nas eleições e influenciar a imagem pública do governo. Neste contexto, a primeira-dama é apresentada como um símbolo de generosidade e caridade, utilizando sua imagem de bondade para estabelecer uma conexão com aqueles em situação de vulnerabilidade — seja com os pobres, com a comunidade LGBTQIAP+ ou com outras minorias. Essa relação de “dar” e “receber” constrói a imagem de uma mulher altruísta e caridosa, disposta a ajudar a população, mas, na prática, pode ocultar uma dinâmica de troca de apoio político, em vez de uma verdadeira promoção dos direitos dos cidadãos, que ficam em segundo plano diante das estratégias eleitorais (NASCIMENTO et al., 2023, p. 96).

Ao longo do mandato de Bolsonaro, Michelle assumiu um papel cada vez mais incisivo e participativo, tornando-se figura central na construção da imagem do governo. Sua presença passou a ser vista como essencial para suavizar as falas e comportamentos inadequados de seu marido - um populista neoliberal de extrema-direita - cujas declarações frequentemente geravam controvérsias (Rennó, L.; et al., 2021; veja também Bertholini R., 2022). Além de representar uma figura de estabilidade e altruísmo, Michelle passou a atuar como uma intermediária nas tensões políticas, buscando transitar por uma postura conciliadora. Logo,

seu engajamento na esfera pública a tornou uma importante aliada na tentativa de amenizar os impactos negativos da retórica agressiva de Bolsonaro.

Essa suavização tornou-se um elemento quase ritualístico, permeando a maioria dos discursos analisados, e se destaca de forma particularmente clara na subcategoria "Defesa de Imagem" (RP), onde Michelle promove um culto à imagem de Bolsonaro. Em vários desses momentos, ela argumenta que:

“O misógino que eles atacavam foi a pessoa que mais assinou leis de proteção à mulher. O misógino? O misógino que levou a água para o Nordeste! O que ele fez? Ele abençoou a mulher, que era a mulher que ia com balde na cabeça para pegar a água. Quando ele assina a lei para as mães, para as crianças com microcefalia, ele estava cuidando de quem? Da mulher! Quando ele assina a lei da endometriose, ele estava cuidando de quem? Da mulher!” (Encontro PL Mulher Sergipe. 11 de mai. de 2024)

“Jair aumentou o auxílio emergencial, colocou o auxílio Brasil a 600 reais, cuidando das mães, cuidando das famílias para que suas mães conseguissem colocar o alimento na mesa, cuidou da segurança, diminuindo o feminicídio, falavam que o meu marido era misógino. Gente, vou confessar para vocês: ele é um leão na rua, mas é um gatinho em casa. É um gatinho. É um maridão. E foi o presidente que mais sancionou leis em prol das mulheres. E foi o presidente que cuidou da mulher escarpelada, e foi o presidente que cuidou das mães que, logo no primeiro ano, deu a pensão vitalícia para as mães que tinham seus filhos com microcefalia, por conta da Zika vírus. Esse é o presidente misógino. Esse é o presidente que não gosta de mulher.” (Encontro PL Mulher Acre. 23 de mar. de 2024)

“O presidente Bolsonaro foi o único presidente na história que deixou 54 bilhões no caixa, foi o único a deixar o caixa no azul pela primeira vez, e ele provou que se fechar a torneira da corrupção sobra dinheiro sim. Se tiver homens e mulheres gestores, você consegue administrar a

nação. E como nós trabalhamos, quantas ações, como ele trabalhou pela mulher.” (Encontro PL Mulher Amapá. 13 de abr. de 2024)

Trazer Michelle para os holofotes parece ter sido, então, parte essencial para a construção da imagem do governo. As declarações anteriores são reflexo dessa estratégia, pois, a presença dela se tornou fundamental para remodelar a narrativa política do casal. Convém recordar que, em 2018, o movimento “#EleNão” ganhou força, sendo uma mobilização político-apartidária liderada por mulheres que visava impedir a eleição de Bolsonaro, em resposta às suas declarações publicamente machistas, racistas, homofóbicas e misóginas durante a campanha (Silva, 2021, p. 21). Segundo a historiadora Céli Regina Jardim Pinto (BBC, 2024b), o movimento foi a maior manifestação de mulheres na história do Brasil, com protestos realizados em diversas cidades, tanto no Brasil quanto no exterior. As redes sociais também desempenharam um papel crucial na amplificação do movimento, que obteve ampla projeção midiática e se consolidou como um marco emblemático na resistência aos discursos de intolerância.

Dada a grande repercussão do movimento e as crescentes críticas direcionadas a Bolsonaro durante a campanha e em seu mandato, tudo indica que a estratégia adotada foi posicionar Michelle como uma contranarrativa às acusações contra o marido. O objetivo, nesse sentido, foi possivelmente projetar a imagem de uma mulher cristã, defensora da família e dos valores conservadores, posicionando-a como uma das protagonistas do movimento “Mulheres com Bolsonaro” (Correio Braziliense, 2024) e do contramovimento “#EleSim”.

Segundo Jamile Maria de Fátima da Silva (2021), a estratégia discursiva do “EleSim” exemplifica uma tentativa de subversão narrativa que vai além do jogo de palavras antônimas em relação ao “#EleNão”. Ao se apropriar da mesma estrutura gráfica e enunciativa do slogan adversário, o “EleSim” busca não apenas confrontar, mas apagar parcialmente a força simbólica do discurso crítico originalmente proposto. Essa tática promove uma falsa equivalência, sugerindo uma unidade de sentido onde, na verdade, os significados são opostos. Dessa forma, o “EleSim” procura neutralizar as críticas ao criar um embate simbólico que desloca o foco do debate e reafirma os valores conservadores associados ao bolsonarismo.

Dentro dessa percepção de Silva, pode-se aplicar ao #EleSim o conceito de *backlash*. Conforme descrito por Jane Mansbridge e Shauna L. Shames (2008), *backlash* refere-se a

uma reação adversa desencadeada por atores que percebem que ações de outros grupos resultaram em perdas significativas para seus próprios interesses. Tais perdas são entendidas como uma diminuição na capacidade de exercer poder, ou seja, de influenciar decisões políticas, moldar políticas públicas, determinar alocações orçamentárias e, de forma mais ampla, orientar a direção do Estado.

Ainda nessa mesma lógica, ao analisar o período do governo Bolsonaro, Biroli, Tatagiba e Quintela (2024) destacam que o conceito de **contramovimento**, que se refere à reação organizada de atores que, percebendo ameaças aos seus interesses, se estruturam como movimentos sociais para disputar espaços políticos e sociais. Elas abordam como os antagonistas de um movimento reagem quando este alcança certo “sucesso”, seja pela visibilidade de suas pautas ou pelas conquistas institucionais. Essa reação é estratégica e ocorre por meio da mobilização coletiva, organização de campanhas e uso de repertórios variados para disputar narrativas e agendas políticas.

Dessa forma, esses conceitos auxiliam na compreensão da resposta estratégica do Bolsonaro em tentar se esquivar das críticas por parte do movimento “#EleNão”. Diante da visibilidade e da repercussão histórica das manifestações, a estratégia de posicionar Michelle como um símbolo de contranarrativa visava neutralizar as críticas e consolidar apoio, especialmente em segmentos sociais específicos, como o público feminino. Entretanto, isso parece ter sido apenas a ponta do iceberg, um vislumbre superficial de algo muito mais profundo e complexo que estava prestes a vir emergir.

À medida que a história se desenha, surge o PL Mulher⁵, um segmento dentro do Partido Liberal (PL), que foi criado com o objetivo de fortalecer a participação feminina na política, ampliando a representatividade das mulheres no cenário político brasileiro. Sob a presidência nacional de ninguém menos que Michelle, o movimento busca mobilizar eleitores e consolidar a presença feminina no PL, promovendo ações que envolvem tanto o empoderamento político das mulheres quanto o apoio a causas conservadoras alinhadas à ideologia do partido e do bolsonarismo. Entretanto, embora a crescente participação de mulheres na esfera pública seja louvável, é fundamental fazer uma análise crítica sobre a maneira como essa presença é construída, assim como os discursos que a sustentam.

⁵ **PL Mulher**. Disponível em: <https://plmulher.org.br/>. Acesso em: 27 dez. 2024.

Durante um dos encontros do PL Mulher, Michelle Bolsonaro afirmou: *“A nossa política é diferenciada. A nossa política é feminina e não feminista”*⁶. Em outro momento, ela complementou: *“Me desculpe quem rasgou o seu sutiã, mas a mulher não precisa rasgar o sutiã, ela não precisa falar grosso, ela não precisa se comportar como homens para que ela possa trabalhar pelo seu povo.”* Essas declarações refletem uma estratégia discursiva que busca cativar um eleitorado conservador ao mesmo tempo em que reafirma valores tradicionais associados ao papel da mulher na sociedade, além de esvaziar a pauta feminista, encapsulando o que a literatura tem descrito como “femocracia negativa” (Pattaro Amaral, 2023). Este conceito se refere ao uso do discurso e da representatividade feminina em contextos políticos para reforçar hierarquias tradicionais e minar avanços em pautas feministas. No caso do PL Mulher, a ideia de “política feminina” se posiciona como um contraponto às lutas históricas por igualdade de gênero, promovendo uma visão que privilegia o protagonismo feminino dentro de molduras conservadoras e alinhadas ao discurso do bolsonarismo.

De acordo com Fernanda Pattaro Amaral (2023), a femocracia é frequentemente utilizada como uma ferramenta para medir o grau de democracia de um país, uma vez que o conceito surge como resposta ao fenômeno do aumento da presença de mulheres em cargos políticos, sugerindo um feminismo de Estado, ou seja, sua institucionalização. No entanto, Michelle Bolsonaro tem desvirtuado essa lógica, criando uma percepção de falsa realidade para manipular tanto as instituições quanto a própria sociedade. Nesse sentido, a estética da femocracia é utilizada por ela como um dispositivo de poder político, capaz de moldar e distorcer a realidade, ao mesmo tempo em que (dis)simula uma democracia plena, entendida no sentido de participação efetiva de minorias nas esferas de decisão.

O curioso é que Michelle Bolsonaro nunca ocupou cargos eletivos e, até então, mantinha uma postura que aparentava certo afastamento do universo político partidário. No entanto, ela tem conquistado significativo capital político, consolidando-se como uma das principais figuras do bolsonarismo. Inclusive, tem sido destacada como uma das favoritas nas pesquisas de intenção de voto para substituir Bolsonaro, que está inelegível, na presidência em 2026 (CNN Brasil, 2024). A partir deste ponto, será analisado como esse protagonismo tem se consolidado por meio de discursos religiosos, buscando compreender a estratégia de poder subjacente a essas dinâmicas.

⁶ Encontro PL Mulher Sergipe. 11 de mai. de 2024

MISSÃO DIVINA: POR QUE DEUS ESCOLHE AS COISAS LOUCAS DESTE MUNDO PARA CONFUNDIR AS SÁBIAS?

*“Por muito tempo, aquele lugar (Palácio do Planalto) foi um lugar consagrado a demônios [...] e, hoje, consagrado ao Senhor Jesus.”*⁷ Essa declaração de Michelle Bolsonaro não apenas evidencia o discurso religioso no contexto político, mas também reforça a visão de que tanto ela quanto o seu marido desempenham um papel crucial em uma missão divina. No entanto, a publicização desse tipo de narrativa tem gerado reações diversas na sociedade brasileira e produzido repercussões complexas e maniqueístas, especialmente no que se refere às dinâmicas do confronto político e à separação entre Estado e religião.

A expressão mais evidente desse processo narrativo é a concepção dualista de mundo, fundamentada na luta entre forças opostas e irreconciliáveis: o **bem** e o **mal**. Essa visão maniqueísta permeia os discursos de Michelle Bolsonaro, que frequentemente recorre a essa lógica para reforçar sua autoridade por meio de narrativas político-religiosas e atacar a oposição. Em outras palavras, aqueles que discordam de seus valores e princípios são enquadrados como representantes do mal, enquanto seus apoiadores são vistos como escolhidos por Deus para realizar o bem e salvar o Brasil das garras de Satanás (personagem bíblico). Assim, independentemente dos pecados que possam cometer, são considerados ungidos.

Ao analisar o conteúdo, na subcategoria "Missão Divina" (RR), observa-se que Michelle Bolsonaro, em diversos momentos, recorre a uma retórica que remete à visão medieval, ao afirmar que: *“Ele (Bolsonaro) ter escapado daquela facada foi para cumprir a sua missão divina.”* Logo em seguida, ela acrescenta uma justificação que ecoa a ideia de um destino preordenado: *“Mas tinha um propósito maior; era uma missão que Deus confiou ao Jair e a mim, para que a gente pudesse trabalhar em prol da nossa nação.”* (Encontro PL Mulher Mato Grosso do Sul, 24 fev. 2024)

Ao declarar que Jair Bolsonaro sobreviveu “para cumprir a sua missão divina”, Michelle Bolsonaro recorre a uma estratégia que remonta às monarquias absolutistas do século XVII, nas quais a autoridade dos governantes era diretamente vinculada à vontade divina. Em

⁷**MICHELLE BOLSONARO.** Discurso proferido durante culto evangélico na Igreja Batista Lagoinha, em Belo Horizonte, em 7 ago. 2022. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/politica/michelle-bolsonaro-diz-que-planalto-era-um-lugar-consagrado-a-demonio/403444/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

tradução contemporânea, essas afirmações podem ser vistas como uma tentativa de consolidar apoio político ao insinuar suas trajetórias, tanto a dela quanto a de Bolsonaro, com uma legitimidade espiritual, alinhando suas ações à vontade de Deus.

Essa suposta vontade divina, esse Deus que governa dos céus, extrapola o plano material, tornando-se uma marca registrada em seus discursos. A subcategoria “Apelo à Fé” (RR) identificou os momentos em que Michelle recorre ao plano espiritual para justificar sua atuação na política, apresentando a fé como uma força legitimadora de suas ações e decisões. Dessa forma, Michelle transforma Deus em um ator político e utiliza a fé como um instrumento para reforçar sua autoridade, consolidando seu espaço no cenário político.

“Eu orei e falei: “Senhor, se o senhor um dia permitir que eu esteja no poder, eu vou usar esse poder para ajudar as pessoas que mais precisam.” E foi a oração que eu fiz. E eu falo para vocês: tomem muito cuidado com a oração que vocês fazem, porque, se ela for sincera, Deus vai ouvir.” (Encontro PL Mulher Maranhão. 20 de abr. de 2024)

“Mas eu tenho falado para Deus: “Me capacita, Senhor, porque eu quero ser instrumento do Senhor nesta terra. Me ajude a ser obediente, porque eu creio que, abaixo do céu, só existem dois propósitos: o de fazer o mal e o de fazer o bem. Eu estou aqui para fazer o bem.”” (Encontro PL Mulher Espírito Santo. 11 de nov. de 2023)

“Eu falo que Deus permitiu esse momento para que as pessoas possam comparar um governo justo com um governo ímpio.” (Encontro PL Mulher Goiás. 28 de out. de 2023)

“Mas, se Deus quer assim, vou pedir para Ele me dar a sabedoria. E, neste momento, também peço que Deus dê sabedoria e discernimento para os senhores conduzirem os seus mandatos, e que haja união em nosso meio, principalmente entre os cristãos.” (Idem)

Na análise de Donizete Xavier (2024), a aliança entre fé e política na contemporaneidade surge como um fator crucial para o fortalecimento da extrema direita no Brasil. Ele aponta que essa fusão ideológica dá espaço a uma visão religiosa que interpreta o mundo como uma

luta incessante entre os justos e os ímpios, moldando a dinâmica política à luz de uma guerra espiritual. Esse cenário fomenta um pensamento dualista que incentiva os fiéis a se afastarem de realidades ou perspectivas que divergem de suas crenças.

Como consequência, constrói-se uma narrativa distópica e teocrática, imersa no fundamentalismo, em que o Brasil é retratado como uma nação dominada pelo mal, mergulhado num momento sombrio que só pode ser enfrentado pelos ungidos de Deus. A partir dessa perspectiva, o autor propõe que tais formulações religiosas funcionam como um mecanismo de escapismo, legitimando estratégias manipulativas ao se apropriarem do pensamento simbólico e imagético, presente tanto no plano individual quanto no coletivo.

Para Émile Durkheim, a religião - aqui interpretada com uma linguagem utilizada para legitimação entre dominantes e a domesticação dos dominados - ajuda a estabelecer e impor, de forma muitas vezes dissimulada, uma maneira específica de ver o mundo e entender a sociedade. Em consonância com esse raciocínio delineado, a religião cria um sistema de práticas e ideias que moldam a forma como as pessoas percebem a realidade, incluindo a divisão da sociedade. Esse sistema, embora pareça ser algo natural ou divino, na verdade é baseado em uma estrutura política que categoriza as pessoas em grupos distintos, como “bons” e “maus”. Assim, a narrativa religiosa não só oferece uma visão moral do mundo, mas também reforça uma organização social que está relacionada ao poder e à política (Reimer, I. R. et al., 2018).

Ao evocar a categoria do mal bíblico em seu discurso, afirmando que: *“por quanto tempo nós negligenciamos e deixamos o mal tomar conta, deixamos o mal ocupar as cadeiras nas esferas de decisão”* (Encontro PL Mulher Acre. 23 de mar. de 2024), Michelle Bolsonaro utiliza um poderoso instrumento de poder: a **violência simbólica**. Conforme Pierre Bourdieu explora em *O Poder Simbólico* (2021), a manipulação simbólica distorce a percepção da realidade, impedindo o acesso a experiências genuínas e promovendo a alienação. Para Bourdieu, essa violência simbólica emerge das desigualdades de poder entre diferentes grupos sociais e religiosos, sendo enraizada no processo de socialização, onde crenças são continuamente moldadas. Nesse contexto, os indivíduos passam a se posicionar na sociedade segundo os critérios estabelecidos pelo discurso dominante. Em resumo, a violência simbólica se materializa quando o indivíduo internaliza e valida o poder de um discurso hegemônico.

Como se não bastasse Michelle atribuir a si mesma a responsabilidade de cumprir uma missão divina, reiterando em diversos momentos: *“Deus me chamou para influenciar mulheres de bem nesse tempo”* (Encontro PL Mulher Rio Grande do Norte. 2 de dez. de 2023), ela consegue persuadir o público a se mobilizar politicamente. Para isso, ela argumenta que todos os que se filiam ou ingressam na política partidária são escolhidos pelo Deus de Israel para cumprir Seu chamado e propósito no campo político. Nesse sentido, a análise de conteúdo da subcategoria “Convocação à Mobilização” (RP) revela a construção de uma narrativa que associa o papel dos apoiadores à ideia de uma missão divina, ao mesmo tempo em que os incita a agir de acordo com seus interesses ideológicos e objetivos políticos:

“Nós estamos aqui também para falar que nós queremos convidar todas vocês, mulheres, que querem se filiar ao partido. Não só as mulheres, mas também os homens. Mas, hoje aqui o número maior é o número feminino. Nós queremos convidar todos vocês a se filiarem ao PL. Nós queremos fortalecer e dar protagonismo às mulheres que querem participar com suas ideias e também se candidatar. Queremos capacitá-las e caminhar juntas com vocês. Este é um novo momento do PL.” (Encontro PL Mulher Rondônia. 24 de jun. de 2023)

“Nós precisamos da força feminina, nós precisamos do engajamento de cada uma de vocês, nós precisamos que as mulheres influenciem outras mulheres, criando essa rede de apoio, criando esse ecossistema.” (Encontro PL Mulher Rio Grande do Sul. 18 de nov. de 2023)

Nesse ponto da narrativa, Michelle Bolsonaro passa a elaborar justificativas com maior apelo religioso para a convocação. Essa postura foi analisada na subcategoria “Passagens Bíblicas” (RR) adotando uma postura ainda mais assertiva ao recorrer a histórias bíblicas para suas afirmações, reforçando ainda mais a ideia de que sua atuação e a do público estão alinhadas a um propósito divino:

“Nós tivemos Débora, uma juíza líder. Nós tivemos Ester, uma mulher forte e corajosa. Nós tivemos Sara, uma mulher de fé. Mas nós tivemos a melhor: Maria, aquela que obedeceu ao seu chamado, que exerceu sua missão com maestria e que nos ensinou a entregar. No momento de

dor, ela disse sim ao seu chamado, ao seu propósito, e entregou o seu filho pela nossa salvação.”(Encontro PL Mulher Paraná. 16 de dez. de 2023)

Ao recorrer a passagens bíblicas e vincular a ação política à vontade divina, Michelle Bolsonaro não apenas ancora seu discurso no imaginário religioso, mas também utiliza a moralidade e a fé cristã como pilares para legitimar e fortalecer o movimento político do PL Mulher. Essa interseção entre política e religião, contudo, abre espaço para uma análise mais profunda de questões complexas que emergem em sua retórica. Ainda no âmbito da subcategoria “Passagens Bíblicas” (RR), Michelle declarou:

“A palavra de Deus diz em Salmos 122 que aqueles que abençoarem Israel serão abençoados, e os que amaldiçoarem serão amaldiçoados.” (Encontro PL Mulher Bahia. 9 de mar. de 2024)

Esse trecho evidencia o apoio incondicional ao Estado de Israel, apresentado como um elemento intrínseco à missão divina defendida por Michelle Bolsonaro. Contudo, tal perspectiva implica na propagação de um fenômeno conhecido na literatura como **sionismo cristão**. Essa vertente teológica enxerga as escrituras sagradas como uma legitimação inquestionável da causa do Estado de Israel, atribuindo-lhe um papel central no cumprimento do plano divino (Machado, Mariz & Carranza, 2022). Para os adeptos dessa corrente, o destino de Israel está intrinsecamente ligado ao desígnio divino para a humanidade, tornando seu apoio não apenas uma questão geopolítica, mas também um imperativo espiritual inadiável. Pode-se observar, portanto, que esse pragmatismo religioso, iniciado no governo Bolsonaro, é algo inédito na Política Externa Brasileira.

Para Paul Freston (2020), esse tipo específico de sionismo cristão exposto por Michelle transcende a mera interpretação religiosa e atua como uma estratégia política. Sob essa perspectiva, os segmentos cristãos pró-sionistas utilizam a teologia para legitimar a causa do Estado de Israel, não apenas em termos de seu direito à existência, mas também para justificar o genocídio do povo palestino e a expansão territorial – uma questão super atual e controversa no cenário geopolítico global.

Essa abordagem discursiva serve como um mecanismo para introduzir essas ideias nos debates públicos e políticos, transformando-as em pautas concretas dos governos nacionais. Isso pode ocorrer tanto por meio do *lobby* quanto através de decisões administrativas ou

diplomáticas tomadas por instâncias do Estado. Os rumos dessa prática alia fé religiosa a interesses políticos, promovendo uma visão onde a aliança com Israel se torna um imperativo moral e estratégico, reforçado por interpretações bíblicas que prometem bênçãos divinas para os apoiadores de Israel e maldições para os opositores.

Dessa forma, o autor aponta para um dinamismo onde religião e política convergem, com os líderes cristãos não apenas defendendo, mas também moldando políticas internas e externas que favorecem o sionismo. Contudo, ao inserir a ideia de uma missão divina em sua política, Michelle contribui também para a construção de uma política que não se limita ao campo secular, mas se entrelaça com a teologia, guiando mobilizações e decisões políticas por uma perspectiva religiosa que pode impactar as relações internacionais, as escolhas políticas internas e a forma como se concebe a soberania de uma nação. Assim, surge a seguinte pergunta: até que ponto uma política ancorada em fundamentos religiosos pode coexistir com os princípios de um Estado democrático e laico, no qual a fé deve ser um espaço individual e não um instrumento para definir o bem comum ou determinar a justiça?

ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU: PL MULHER E A TEOLOGIA DO DOMÍNIO

A racionalização da religião para o campo político é mais do que uma simples adaptação; é uma metamorfose estratégica que transforma o sagrado em arma e o altar em palanque. Até aqui, percebe-se que os dogmas são estrategicamente moldados para se alinharem às narrativas de poder de Michelle Bolsonaro, onde a fé é habilmente apropriada como um instrumento de mobilização política e legitimação de sua agenda. Assim, aquilo que deveria transcender a materialidade se reconfigura como instrumento de controle, elevando líderes como a Michelle a uma condição quase messiânica e submetendo as massas a um ideal político revestido de profanação do divino. É o altar cedendo espaço ao trono, onde o espírito cede ao pragmatismo, e o divino se torna refém do cálculo humano. Em outros termos: o sagrado se curva diante do secular. Considerando isso, é pertinente analisar com mais atenção os fundamentos pragmáticos que sustentam os discursos de Michelle, pois, ao que tudo indica, a **Teologia do Domínio** (TD) encontra nesse cenário um terreno fértil para florescer como projeto de poder.

De acordo com Eliseu Pereira (2023), a Teologia do Domínio ganhou força a partir da década de 60, tornando-se popular entre alguns grupos evangélicos nos Estados Unidos, que interpreta o versículo Gênesis 1:28, “*dominai a terra*”, como uma missão exclusiva dos

cristãos, que devem assumir posições de liderança na sociedade para impor valores religiosos. Mais do que um conjunto específico de regras, a Teologia do Domínio é considerada uma visão de mundo que busca reconstruir uma sociedade teocrática, na qual cristãos ocupam altos cargos políticos e jurídicos para moldar a vida pública.

A Teologia do Domínio deriva-se a partir das ideias do **reconstrucionismo** de R. J. Rushdoony (2010,2012), com o objetivo de reconstruir a nação e transformar todos os aspectos da cultura, baseados em princípios e valores cristãos. Entretanto, nem todos os adeptos da TD aderem às ideias à risca do reconstrucionismo em sua totalidade por serem amplamente consideradas radicais — incluindo práticas como servidão por dívidas e pena de morte por apedrejamento (Pereira, 2023).

Em contraste, ideias apresentadas por Francis Schaeffer (1981) são vistas como muito mais moderadas por reconstrucionistas como Gary North (1982,1999), por exemplo. Os moderados, em geral, defendem a presença de cristãos no comando das principais áreas da sociedade, entendendo isso como uma maneira de preservar a civilização judaico-cristã contra a suposta degeneração promovida pelo humanismo. No entanto, o que se torna evidente é que a galera moderada do reconstrucionismo frequentemente atua como um veículo para a radicalização, uma vez que ambas compartilham a mesma base ideológica (Pereira, 2023).

Partindo dessa perspectiva, a postura de Michelle Bolsonaro exemplifica como a Teologia do Domínio encontra terreno fértil no atual cenário político brasileiro. Ao mobilizar retóricas religiosas, ela apresenta a moralidade cristã como um baluarte contra uma suposta degradação social e política, ainda que sem qualquer respaldo concreto. Essas declarações, identificadas na subcategoria “Teologia do Domínio” (RR), fazem uma alusão direta e incisiva ao projeto de poder liderado por Michelle, revelando como suas falas se entrelaçam com uma agenda política fundamentada em princípios religiosos.

“E nós estamos aqui para dizer para vocês que nós estamos viajando todo o Brasil, fomentando a política, fomentando o desejo dessas mulheres se candidatarem. Claro que é um perfil totalmente diferente do Distrito Federal, porque nós estamos indo para estados que têm municípios, e o Distrito Federal não tem municípios, mas tem as suas RAs. E aí eu falo para você que, hoje, a gente até brinca que a única

pirâmide que dá certo é a pirâmide do PL Nacional. É o PL Nacional Mulher que vem fortalecer os estados, fortalecendo também o Distrito Federal, que passa as diretrizes para os municípios e, aqui no caso, as RAs e o entorno. Isso volta fortalecendo o nosso partido, fazendo o maior número de mulheres e homens eleitos agora, em 2024, e, no caso de Brasília, em 2026. [...] Já estamos na fase final da conclusão do nosso curso de capacitação, onde nós vamos capacitar as mulheres no antes, no durante e no depois, garantindo que essas mulheres sejam eleitas.” (Encontro PL Mulher Distrito Federal. 2 de set. de 2023)

Ao destacar a importância do PL Nacional Mulher e da “pirâmide do PL”, Michelle sugere uma estrutura hierárquica que reforça o partido e a sua agenda, algo que também pode ser lido como uma metáfora para o controle de um nacionalismo cristão sobre as instituições políticas. A menção de fortalecer os estados e as diretrizes que são passadas de cima para baixo para as RAs e municípios, e a promoção de um curso de capacitação⁸ com foco em garantir a eleição de mulheres, são ações que se alinham à visão reconstrucionista de um movimento cristão que busca transformar a sociedade e as instituições políticas por meio da ascensão de líderes que compartilham desses valores, tipicamente uma característica da Teologia do Domínio. Em complemento à fala anterior, Michelle reforçou seu discurso, conferindo-lhe um tom ainda mais apelativo, ao demonstrar a capilaridade do projeto de poder, que se estende até mesmo à eleição para conselheiros tutelares:

“A gente precisa se posicionar. Muito tempo a igreja falou que não podia se envolver com política, que cristão não se envolvia com política. Mas, antes de vocês serem cristãos, vocês são cidadãos, e vocês são responsáveis. Vocês precisam estar trabalhando e se colocando no lugar de posicionamento, porque eu não sabia que tinha eleições para conselho tutelar. E, quando nós nos posicionamos, as pessoas de bem, o resultado foi outro. Então, nós precisamos cuidar das nossas crianças, nós precisamos cuidar dos nossos jovens, nós precisamos motivar, incentivar, mobilizar mulheres de bem, para que elas possam estar em todas as esferas de poder. Nós precisamos de uma representatividade tão grande das mulheres no Brasil. Nós

⁸ PL MULHER. Disponível em: <https://plmulher.org.br/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

precisamos mudar; nós precisamos mudar em representatividade. Nós precisamos de mais deputadas estaduais, federais, vereadoras, prefeitas, juízas.” (Encontro PL Mulher Sergipe. 11 de mai. de 2024)

De acordo com João Cezar de Castro Rocha (2025), em entrevista concedida ao *Combate Racismo Ambiental*, o historiador afirma que a Teologia do Domínio de Gary North pressupõe duas etapas para sua efetiva concretização: primeiro, expandir o número de fiéis e propagar a doutrina; e, quando esse número for suficiente para influenciar a vida política, agir para implementá-la. Para ele, a Teologia do Domínio representa um risco maior para a democracia do que o próprio bolsonarismo, pois subordina o Estado civil e as instituições, não à fé ou à espiritualidade, mas à crença de um grupo específico.

Ademais, é possível argumentar que, diante da persistente influência do bolsonarismo nas instituições e na sociedade, somada ao vasto aparato de apoio estratégico, incluindo o curso de capacitação e os recursos oferecidos pelo PL aos que ingressam na esfera pública, o projeto de poder em questão adquire contornos ainda mais agressivos e desafiadores para o tecido democrático. Sobretudo pela capilaridade com que os rumos desse projeto de poder vêm se expandindo. A continuidade dessa dinâmica não só potencializa a capacidade de intervenção política e institucional desse movimento, mas também intensifica os riscos de uma transformação autoritária das estruturas de poder, minando os princípios fundamentais da democracia.

POPULISMO FEMOCRÁTICO CONSERVADOR: A GUERRA DO BEM CONTRA O MAL

Ao reforçar seu papel como ex-primeira-dama, Michelle Bolsonaro categoriza a política como uma guerra espiritual entre os valores sagrados da fé cristã e uma suposta ameaça moral representada pelos inimigos do “bem”. Nesse contexto, ela emerge como uma líder populista cuja retórica maniqueísta não apenas aprofunda a polarização social, mas também instrumentaliza a religião como um veículo simbólico para legitimar um projeto de poder que apela diretamente às emoções e crenças de seus seguidores.

Antes de avançar no argumento, é imprescindível delimitar o conceito de populismo, dada sua natureza amplamente debatida e multifacetada na literatura. Sobretudo, a relação entre populismo e gênero que tem recebido pouca atenção na academia. Em termos gerais, o

populismo é entendido como um fenômeno político notavelmente volúvel, caracterizado por sua capacidade de se adaptar a diferentes contextos históricos e geográficos. Essa plasticidade permite que o populismo se manifeste em variados momentos da história a partir do século XX, tanto em ideologias de direita quanto de esquerda, o que reforça sua complexidade e amplitude como objeto de análise política.

Segundo a análise de Cas Mudde (2004), o populismo é uma pseudo-ideologia que fragmenta a sociedade em dois grupos antagônicos e homogêneos: um “povo puro” versus uma “elite corrupta”. Trata-se de uma pseudo-ideologia, pois não possui a robustez teórica e a sofisticação estrutural que caracterizam ideologias completas, como o socialismo ou o liberalismo. Estas, por sua vez, oferecem uma visão detalhada e articulada do edifício político, com fundamentos sólidos, pilares bem definidos e até ornamentações intelectuais que conferem profundidade e coerência ao seu arcabouço teórico.

Nesse sentido, o autor descreve o populismo como uma “ideologia de núcleo fino” (Mudde, 2004, tradução livre), ou seja, uma corrente de pensamento que orbita em torno de um conceito central, sem expandir-se em uma teoria abrangente capaz de abordar sistematicamente múltiplos aspectos da sociedade, da economia e da cultura. Esse núcleo restringe-se à dicotomia simplista e direta entre o povo e a elite, sendo o povo a peça-chave, a âncora conceitual a partir da qual todo o restante é definido.

Para compreender essa relação, podemos recorrer a uma analogia bíblica, frequentemente evocada por Michelle Bolsonaro: o povo é retratado como o justo, o eleito e fiel, enquanto a elite assume o papel do ímpio, aquele que se corrompe e se coloca em oposição aos princípios divinos. Assim como na Bíblia, onde a luta entre o bem e o mal define as narrativas mais viscerais, o populismo depende dessa dicotomia para estruturar sua mensagem. Essa oposição simplificada entre os puros e os corruptos é o que o torna distinto de ideologias mais complexas, que buscam entender a humanidade em seus múltiplos aspectos e nuances. Nesse caso, a Michelle constrói a identidade do povo como os representantes dos valores cristãos e conservadores para consolidar um projeto de poder baseado na Teologia do Domínio, enquanto a elite torna-se automaticamente personificação do mal a ser combatido.

Ao enquadrar Michelle Bolsonaro como uma possível líder populista em ascensão, surgem duas contradições fundamentais que revelam as novas credenciais e façanhas do populismo

contemporâneo. A primeira contradição, ou talvez um ponto fora da curva, reside no fato de uma liderança populista feminina destacar-se em um movimento profundamente conservador e tradicionalista de direita, que historicamente tende a relegar as mulheres a papéis secundários na esfera pública. O populismo de direita é frequentemente associado a figura do homem branco e raivoso, que vai ser a antítese do feminismo.

A segunda contradição encontra-se no âmago da femocracia, do qual Michelle é representante, ela querendo ou não. Ao ocupar um espaço público de protagonismo do PL Mulher, sua figura inevitavelmente promove a emancipação e a participação das mulheres na esfera política em torno de um nacionalismo feminista.

Assim como foi analisado na subcategoria “Convocação à Mobilização” (RP), em que Michelle promove o engajamento das mulheres na esfera pública, a subcategoria “Valores Conservadores” (RP) revela uma articulação semelhante, mas com uma ênfase nos princípios conservadores que permeiam essa participação. Nesse sentido, é possível identificar como esses valores moldam a forma e os limites da presença feminina na política, alinhando a mobilização ao discurso moral que caracteriza esse movimento:

“A nossa política é feminina e não feminista. A mulher de direita, ela é bonita, ela é cheirosa, a mulher de direita ela cuida da sua casa, do seu marido, do seu filho. Ela trabalha fora e nem por isso nós precisamos menosprezar a figura masculina.” (Encontro PL Mulher Roraima. 1 de jun. de 2024)

“Porque a mulher, como figura feminina, está aqui para apoiar; ela está aqui para ser ajudadora do seu marido; ela está aqui para proteger, para nutrir o seu lar.” (Encontro PL Mulher Acre. 23 de mar. de 2024)

“A mulher é dona de casa, assim como eu, que cuida do filho, que cuida do marido, leva o filho para a escola, tem a sua segunda jornada de trabalho, trabalha fora e, quando volta, tem que fazer todo o trabalho dentro de casa.” (Encontro PL Mulher Distrito Federal. 2 de set. de 2023)

“Nós precisamos macetar, mas é macetar a legalização do aborto, macetar a legalização da drogas. Nós precisamos macetar essa ideologia de gênero.” (Encontro PL Mulher Bahia. 9 de mar. de 2024)

Paradoxalmente, essa atuação emancipatória coexiste com uma agenda que combate políticas e movimentos pós-marxistas, frequentemente associadas à luta pela igualdade de gênero e pela desconstrução de hierarquias patriarcais. Nesse contexto, Michelle se torna um símbolo de uma emancipação ambivalente: ao mesmo tempo em que desafia as normas tradicionais de gênero, reforça as estruturas conservadoras que limitam a autonomia feminina. Essa tensão evidencia não apenas as façanhas discursivas do neopopulismo de direita, mas também sua capacidade de incorporar elementos contraditórios em um projeto político.

De acordo com Cas Mudde e Cristóbal Rovira Kaltwasser (2015), o populismo, em termos conceituais, não mantém uma conexão direta com o gênero, pois essa associação é irrelevante para a dinâmica da política populista. Supõe-se que o “nós” abarque tanto homens quanto mulheres e que as diferenças entre eles, assim como todas as outras distinções dentro da categoria “o povo”, sejam secundárias em relação à luta principal entre “nós” versus “eles”.

Partindo dessa premissa, os autores conduzem uma análise comparativa entre forças populistas de direita no norte da Europa e de esquerda na América do Sul, tomando como base quatro casos prototípicos: o Partido pela Liberdade (PVV) e o Partido do Povo Dinamarquês (DF), no contexto europeu, e o Partido Socialista Unido de Venezuela (PSUV) e o Movimento ao Socialismo (MAS). Os resultados indicam que, enquanto os populistas de direita no norte da Europa tendem a preservar o status quo em sociedades mais igualitárias, os populistas de esquerda na América do Sul, inseridos em contextos mais patriarcais, adotam posições progressistas em relação às questões de gênero. Assim, a pesquisa conclui que os populistas sul-americanos, influenciados por ideologias de esquerda, apresentam um desempenho mais positivo na representação feminina, enquanto os populistas europeus, mesmo à direita, não demonstram avanços significativos nessa área.

No entanto, a figura de Michelle Bolsonaro exemplifica contradições que desafiam essa perspectiva sobre a relação entre populismo e gênero. Diferentemente do padrão observado entre os populistas de direita da Europa e os de esquerda na América Latina, frequentemente liderados por homens, Michelle Bolsonaro se destaca como uma mulher em posição de protagonismo dentro de um movimento conservador e patriarcal. Sua atuação no PL Mulher e

sua inserção na política institucional a posicionam como representante do que pode ser denominado **populismo femocrático conservador**: uma liderança feminina que promove a participação de mulheres em um movimento que, ao mesmo tempo, busca restringir seus direitos em outros contextos.

Esse fenômeno sugere uma atualização na dinâmica do populismo de direita na América Latina. Michelle Bolsonaro não apenas ocupa um espaço tradicionalmente masculino, mas também transforma as expectativas sobre o papel das mulheres dentro desse espectro político. Sua presença evidencia como o populismo femocrático pode coexistir com ideologias conservadoras, permitindo que mulheres assumam papéis de liderança sem romper completamente com estruturas patriarcais.

Essa nova configuração não apenas expõe as contradições do populismo, como também revela uma transição na política de gênero dentro da direita latino-americana. Ao liderar no campo conservador e, simultaneamente, defender a participação feminina na política, Michelle Bolsonaro subverte a noção de que o populismo de direita na região é estritamente masculino. Sua ascensão sinaliza um fenômeno mais dinâmico e multifacetado, no qual outras figuras femininas, como sua comparsa, Damare Alves (PL), também emergem com discursos populistas.

Portanto, ao contrário da análise de Mudde e Kaltwasser (2015), que argumentam que os populistas de esquerda na América do Sul tendem a promover a igualdade de gênero, enquanto os de direita no norte da Europa apenas preservam o status quo, observa-se que Michelle Bolsonaro não apenas incentiva a participação feminina nas instituições, mas também reforça as estruturas patriarcais ao manter as normas tradicionais de gênero. Esse paradoxo evidencia como a adesão feminina ao bolsonarismo não ocorre apesar de seu caráter conservador, mas muitas vezes por meio dele, desafiando noções tradicionais sobre gênero e política.

Mas o que, de fato, tem motivado mulheres de todo o Brasil a se identificarem e gravitarem em torno de um movimento que, embora pregue a emancipação das mulheres na política, ainda reforça estruturas patriarcais e misóginas?

Com base nas reflexões do ensaio de Jenny Gunnarsson Payne (2023), é possível apontar uma resposta plausível: a mobilização em prol dos “valores da família tradicional”. Esse apelo tão recorrente no bolsonarismo oferece o que a autora classifica como “ferramenta

psíquica” eficaz para a criação de um povo comum totalizante, que partilha uma frustração comumente sentida. Tal mobilização torna essas mulheres propensas a desencadear sentimentos politicamente potentes de medo em relação a políticas progressistas que pareçam ameaçar o núcleo familiar - um espaço historicamente associado à responsabilidade das mulheres em sociedades patriarcais, onde a esfera pública é atribuída aos homens e a esfera privada às mulheres (Pateman, 1993).

Em outras palavras, a expansão de pautas feministas como o aborto seguro e legal, a defesa dos direitos de mulheres trans e lésbicas, a inclusão de perspectivas de gênero nos currículos educacionais e a promoção de narrativas que desafiem os papéis tradicionais de gênero tem sido capaz de “enquadrar”, narrar e simbolizar experiências de frustração e até mesmo desespero, já presentes nas vidas de muitas dessas mulheres, de uma maneira que discursos tradicionais não conseguem capturar.

Outra explicação identificada a partir das reflexões do trabalho de Valentine M. Moghadam e Gizem Kaftan (2019), igualmente convincente, é a desilusão com a política cultural do secularismo e as ameaças percebidas à família e à religião, ocasionando um pânico moral cristão. Nesse contexto, muitas mulheres encontram consolo na religião, na família e na nação, identificando como ameaças à sua identidade e segurança as mudanças que desafiam os papéis tradicionais de gênero. Assim, a retórica de Michelle Bolsonaro só reforça essa suposta perversão da feminilidade que tanto ela propaga, ao mesmo tempo que ela promove os valores da fé cristã, oferecendo a essas mulheres um sentimento de pertencimento e proteção.

Como praxe da liturgia de todo populista de direita, Michelle também recorre a ataques às instituições democráticas e à oposição de forma agressiva, frequentemente sem apresentar qualquer comprovação do que afirma. Tal comportamento discursivo se torna evidente na subcategoria “Ataque às Instituições e à Oposição” (RP). As falas a seguir ilustram os ataques dirigidos ao atual presidente Lula (PT), à Mídia e ao Judiciário:

“Nós estamos vivendo momentos muito difíceis. Quando a gente vê o descaso do atual governo: 16 milhões em aluguel de carros em viagens internacionais. Isso teria dado para pagar o décimo terceiro do Bolsa Família para 28 mil mamães. O único comercial da Petrobras, no valor de quatro milhões, daria para pagar o décimo terceiro de sete

mil mamães. Quanto descaso com a mulher! Logo aquele, o persona non grata, que diz que valoriza a mulher, mas que, de cara, já tirou mulheres do alto escalão. Na oportunidade que ele teve de indicar mulheres para o STF, poderia ter indicado Cristianas, Flávia... Não, indicou dois homens! Aquele que faz chacota, que faz chacota com uma candidata na Venezuela, que fala para ela parar de chorar, que usa de misoginia com essa mulher, que faz descaso, que apoia um governo ditador, que mata mães, que expulsa mulheres de seu país, que expulsa freiras, que fecha igrejas. Esse é o povo que esse atual governo defende: que estupra, mata bebês, que corta a barriga da mulher e tira o bebê. Esse é o governo que esse povo, que esse atual desgoverno apoia.” (Encontro PL Mulher Bahia. 9 de mar. de 2024)

“Nós temos o representante que é o pai da mentira, sim, porque tudo que falou em campanha não cumpriu nada e ainda tira do pobre para poder viver as suas viagens. Assim é socialista, até esbarrar com uma grife; são capitalistas, travestidos de socialistas. Amam o que é bom, mas escravizam o povo de bem, escravizam o povo trabalhador. Tiram da boca dos nossos filhos, tiram da boca dos filhos daqueles que mais precisam para poder custear seus luxos, suas viagens. Precisa viajar? Viaja, mas não precisa esbanjar. Não esbanja dinheiro público, não. Não esbanja com dinheiro do contribuinte, não, porque nós temos excelentes embaixadas. Aí você vê quando tem responsabilidade e quando não tem.” (Encontro PL Mulher Maranhão. 20 de abr. de 2024)

“Alguns veículos de desinformação postaram: 'Michelle faz pacto com Deus para estar no poder'. Então, a gente vê que a cada dia, quando a mulher se projeta, quando a mulher tem um propósito, ela vai sofrer esse tipo de violência política, ela vai sofrer essas baixezas, essas pedradas do mal, porque nós sabemos, nós sabemos que nós temos muitos filhos adotivos do pai da mentira, aqueles que vêm para construir narrativas para assinar a sua reputação, para falar mal dos seus filhos, porque eles sabem que, quando mexem com os nossos

filhos, mexem conosco e acabam desestruturando a nossa base.”
(Encontro PL Mulher Distrito Federal. 2 de set. de 2023)

“Sabe o que é enganar? Sabe o que é enganar, Queiroga? Quando o líder assina um acordo com a igreja e agora indica um senhor extremamente comunista pro STF. Isso é falso moralismo e isso é enganar os cristãos. Olha só, isso aqui não é da minha cabeça, não, tá? Vamos chegar aí. Olha só, a revolução mais sangrenta, a maior revolução genocida do mundo, foi o comunismo. Mataram mais de 100 milhões de pessoas, perseguiram cristãos. Aí o senhor indicado pro STF, que ele fala assim: 'Sou comunista, graças a Deus'. É até difícil. Porque aí eu falo para vocês que são uma doença, que ele precisa ter a verdade na vida dele. Porque esse é o papel do pai da mentira, te enganar. Distorcer. Daí ele fala aqui, ó: 'Sem contar que ele é uma figura que combate a família, ele é contra, tá? Ele combate os bons costumes'. E aí, parafraseando o FD, o famoso Flávio Dino, ele fala, entre aspas: 'Eu faço o que Lenie recomendava'. Tá gravado na internet, como você é boa. E aí, minha gente, cuidado com o que vocês falam. Cuidado com os versículos que vocês trazem, a existência, porque isso é gerado no mundo espiritual. Ele não proclamou Lucas, que o que estava escondido iria vir à tona.” (Encontro PL Mulher Rio Grande do Norte. 2 de dez. de 2023)

Além dos ataques direcionados à oposição, é possível identificar outras características recorrentes entre os populistas de direita, que se desdobram em duas subcategorias distintas: os “Apelos Emocionais” (RP) e a “Perseguição Espiritual” (RR). Os apelos emocionais, frequentemente presentes em seus discursos, são usados para gerar empatia, apresentando-se como vítimas de um mundo que conspira contra ela e seu marido, criando uma atmosfera de grande sentimentalismo entre o público. Frases como:

“O meu marido quase morreu, o meu marido foi atacado por um ex-psolista, porque o lado que prega o amor mata, o lado que prega a morte cancela, o lado que prega o amor acaba com a sua alma. O lado que prega o amor, menospreza, diminui uma criança de 12 anos, como eles fazem com a minha filha. Mas não tem problema, não. É a lei da

semeadura: você não vai plantar abacaxi e colher morango. Deus sabe de todas as coisas, e tudo que fazem contra mim, contra as minhas filhas, contra o meu marido.” (Encontro PL Mulher Rio Grande do Sul. 18 de nov. de 2023)

“Eu vi o meu marido quase morrer, eu vi o desespero da minha filha. A minha filha teve síndrome do pânico por conta desse momento, e muitos não respeitam a minha filha. Ela completou agora 13 anos, e muitos não respeitam as nossas dores. Eles passam o caminhão deles por cima e não estão nem aí com as consequências.” (idem)

“Nós sofremos a violência política todos os dias. Aqui vos fala a mulher que mais levou pedradas e continua levando, mas eu quero passar uma mensagem para vocês: eu sei quem eu sou, e eu pego essas pedradas e estou construindo um caminho para que outras mulheres também possam passar. Não é fácil. Chore, mas depois seque as lágrimas.” (Encontro PL Mulher Sergipe. 11 de mai. de 2024)

De forma semelhante, a “perseguição espiritual” reforça a narrativa anterior, na qual Michelle afirma ser alvo de ataques não apenas no plano material, mas também por forças espirituais malignas que a perseguem constantemente. Essa construção de vitimização é ampliada ao atribuir as adversidades a uma conjuração de poderes espirituais e políticos contrários, com o objetivo deliberado de manipular as emoções coletivas e construir uma narrativa de combate moral e espiritual. Narrativas como:

“Nós precisamos ter união neste momento, para que a gente possa vencer essa guerra, que todo mundo sabe que é espiritual.” (Encontro PL Mulher Goiás. 28 de out. de 2023)

“Nós estamos vivendo a perseguição, mas Deus está no controle de todas as coisas, e as armas de Satanás não prevalecerão contra a minha vida e nem contra a vida do povo de bem do nosso Brasil.” (Encontro PL Mulher Mato Grosso do Sul. 24 de fev. de 2024)

Por fim, e talvez o aspecto mais relevante desse enquadramento de Michelle como populista, são os momentos em que ela consegue forjar um profundo senso de pertencimento entre si e o

público, criando um “povo” comum e totalizante, onde as diferenças se desfazem em nome de uma identidade coletiva compartilhada. Ou, quem sabe, seja apenas uma estratégia para reforçar o “povo” que seu marido já havia iniciado, intensificando, com maior fervor, o aspecto religioso, para atrair e estabelecer uma conexão mais forte com um público predominantemente feminino. Esses pronunciamentos foram analisados na subcategoria “Discurso de Identidade” (RP) e podem ser exemplificados por falas como:

“A gente tem algo em comum, a gente gosta da mesma pessoa (Bolsonaro).” (Encontro PL Mulher Pernambuco. 26 de ago. de 2023)

“Eu sou uma mulher simples, uma mulher comum como vocês.” (Encontro PL Mulher Piauí. 15 de jun. de 2024)

“Porque com certeza meu marido não é diferente do marido de vocês.” (idem)

“Eu sou uma pessoa do bem. Eu não quero me misturar com gente do mal.” (Encontro PL Mulher Rio de Janeiro. 25 de nov. de 2023)

“Somos cristãos? Somos. Somos tementes? Somos. Amamos as nossas famílias? Amamos. Lutamos pelo que é certo? Lutamos.” (Encontro PL Mulher Roraima. 1 de jun. de 2024)

“Nós somos essas mulheres porque nós temos esse instinto maternal, esse instinto que cuida, que protege. A mulher tem um olhar especial para a política.” (Encontro PL Ceará, 30 de set. de 2023)

“Meu marido é a pessoa mais simples que existe na face da terra.” (Encontro PL Mulher Mato Grosso do Sul, 24 fev. 2024)

Portanto, essas falas de Michelle desempenham um papel importante na construção de uma identidade coletiva ao enfatizar elementos compartilhados e reforçar uma sensação de pertencimento a um grupo. Cria-se, então, uma narrativa de proximidade, onde valores, experiências e identidades compartilhadas se tornam o alicerce de uma conexão sólida. A simplicidade, a moralidade, a fé religiosa, a feminilidade ou a idolatria ao Bolsonaro, emergem como pilares dessa construção, criando um ambiente em que as participantes se reconhecem e se fortalecem mutuamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi apresentado, pode-se aferir que a trajetória política de Michelle Bolsonaro evidencia uma complexa intersecção entre gênero, religião e populismo, na qual a construção de uma identidade cristã se torna um elemento-chave para a consolidação do projeto de poder bolsonarista, com fundamentos na Teologia do Domínio. A institucionalização da fé, nesse sentido, não apenas tende a fortalecer os laços com o eleitorado bolsonarista, mas também amplia o alcance desse discurso para além dos limites simbólicos da religião, tocando em questões identitárias e culturais que podem ressoar profundamente na sociedade brasileira.

Conforme bem argumenta Donizete Xavier (2024), a aliança entre fé e política torna-se um motor poderoso para o avanço da extrema direita no Brasil, transformando dogmas religiosos em armas ideológicas. Essa fusão estratégica não só galvaniza apoio massivo, mas também corrói a laicidade do Estado, legitimando discursos de exclusão sob o véu da moralidade. Assim, o sagrado é instrumentalizado para fortalecer um projeto de poder que alimenta o pânico moral cristão. Esse fenômeno gera uma polarização intensa, na qual a imposição de uma visão de mundo religiosa tende a obscurecer a diversidade e a pluralidade inerentes à democracia.

Nesse sentido, o conceito de pseudo-ideologia de núcleo fino, desenvolvido por Cas Mudde (2004), confirma o motivo pelo qual o populismo depende da femocracia conservadora, analisada por Fernanda Pattaro Amaral (2023), para sustentar suas práticas. Tal adesão aponta para uma nova direção de análise do populismo, onde a participação feminina na política parece estar condicionada à manutenção de estruturas patriarcais. Essa perspectiva revela uma contradição fundamental: a incorporação de mulheres na esfera pública não necessariamente implica em avanços em termos de igualdade de gênero, mas pode servir para reforçar papéis tradicionais e delimitar o avanço de pautas progressistas.

Esse pensamento está em consonância com as ideias de Jamile Maria de Fátima da Silva (2021), ao analisar a subversão narrativa do “EleSim”, demonstrou como a apropriação de discursos adversários pode reforçar valores conservadores, mesmo que aparentemente incluam mulheres na esfera pública. Jane Mansbridge e Shauna L. Shames (2008), com o conceito de *backlash*, ofereceu uma base para entender a reação adversa a movimentos

progressistas, evidenciando como a participação feminina pode ser cooptada para manter o status quo.

Já Biroli, Tatagiba e Quintela (2024), ao discutirem o contramovimento, destacaram como a reação organizada de atores conservadores, exemplificada pelo caso do PL Mulher, reconfigura pautas femininas dentro de uma lógica de submissão, adaptando-as a discursos populistas. Assim, a fusão entre populismo e femocracia conservadora, longe de promover uma real igualdade de gênero, reforça papéis patriarcais e delimita o avanço de pautas progressistas, apontando para a necessidade de repensar o institucionalismo feminista sob essa perspectiva.

Dentre os desafios enfrentados nesta pesquisa, destacam-se as poucas análises encontradas na literatura sobre primeiras-damas, em especial Michelle Bolsonaro. Diante disso, este estudo se propôs a explorar um novo caminho de análise, conectando populismo, femocracia, primeiro-damismo e gênero, contribuindo para a compreensão das estratégias conservadoras que mesclam elementos religiosos na política contemporânea brasileira.

No entanto, persiste o desafio de discernir até que ponto essa estratégia populista configura-se exclusivamente como um mecanismo de perpetuação do poder bolsonarista ou se, de fato, traduz uma expressão genuína dos valores cristãos que Michelle afirma representar. Essa questão se torna complexa diante da heterogeneidade do eleitorado, que, embora mobilizado por símbolos religiosos, não necessariamente compartilha de forma homogênea os mesmos princípios e convicções. Dessa forma, resta investigar em que medida esse público compreende as nuances desses discursos contraditórios e se sua participação reflete uma escolha consciente ou a mera apropriação estratégica de crenças e identidades coletivas.

Por fim, a trajetória de Michelle Bolsonaro deve ser compreendida dentro de um panorama mais amplo de reconfiguração da direita populista no Brasil e na América Latina. Seu protagonismo sugere um caminho possível para o futuro da política conservadora, que aposta na mescla de elementos religiosos, femininos e nacionalistas para criar uma narrativa mobilizadora. O aprofundamento dessa temática, com foco na interação entre os discursos públicos e as percepções individuais do eleitorado, pode contribuir para uma análise mais ampla das dinâmicas políticas contemporâneas e de seus impactos nas próximas eleições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BBC NEWS BRASIL. Michelle Bolsonaro: como a primeira-dama passou a ser um dos trunfos do presidente para as eleições de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62668831>. Acesso em: 27 dez. 2024a.

BBC NEWS BRASIL. #EleNão: a manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em: 27 dez. 2024b.

BERTHOLINI, F. Brazil: we are all going to die one day. In: RINGE, R. N.; RENNO, L. (Ed.). *Populists and the pandemic: how populists around the world responded to Covid-19 (e-book)*. 2022.

BIROLI, Flávia; TATAGIBA, Luciana; QUINTELA, D. F. Reações à igualdade de gênero e ocupação do Estado no governo Bolsonaro (2019-2022). *Opinião Pública*, v. 30, p. e3013, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-019120243013>. Acesso em: 14 jan. 2025.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Edições 70, 2021.

CNN BRASIL. Sem Bolsonaro em 2026, Michelle é a mais forte, com 21%; Marçal tem 18% e Tarcísio, 17%, diz Quaest. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/sem-bolsonaro-em-2026-michelle-e-a-mais-forte-para-21-marcal-tem-18-e-tarcisio-17-diz-quaest/>. Acesso em: 29 dez. 2024.

CORREIO BRAZILIENSE. Deputadas eleitas farão campanha para conseguir voto feminino a Bolsonaro. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/politica/2022/10/5042651-deputadas-eleitas-farao-campanha-para-conseguir-voto-feminino-a-bolsonaro.html>. Acesso em: 27 dez. 2024.

CORREIO DO ESTADO. Michelle Bolsonaro diz que Planalto era um lugar "consagrado ao demônio". 10 mar. 2023. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/politica/michelle-bolsonaro-diz-que-planalto-era-um-lugar-consagrado-a-demonio/403444/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

FRESTON, Paul. Bolsonaro, o populismo, os evangélicos e a América Latina. *Novo ativismo político no Brasil*, 2020, p. 371-391.

G1. A mulher dos bastidores: saiba quem é Michelle Bolsonaro, a nova primeira-dama. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/a-mulher-dos-bastidores-saiba-quem-e-michelle-bolsonaro-a-nova-primeira-dama.ghtml>. Acesso em: 27 dez. 2024a.

G1. Ato de campanha de Bolsonaro em Juiz de Fora é interrompido após tumulto. 6 set. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-e-m-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acesso em: 2 jan. 2025b.

MACHADO, Maria das Dores Campos; MARIZ, Cecilia Loreto; CARRANZA, Brenda. *Genealogia do sionismo evangélico no Brasil*. Religião & Sociedade, v. 42, n. 2, p. 225-248, 2022.

MANSBRIDGE, Jane; SHAMES, Shauna L. Toward a Theory of Backlash: Dynamic Resistance and the Central Role of Power. *Politics & Gender*, v. 4, n. 4, p. 623-634, 2008.

MOGHADAM, Valentine M.; KAFTAN, Gizem. Right-wing populisms north and south: Varieties and gender dynamics. *Women's Studies International Forum*, v. 75, p. 102244, jul./ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2019.102244>.

MUDDE, Cas. The populist zeitgeist. *Government and Opposition*, v. 39, n. 4, p. 541-563, 2004.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. Vox populi or vox masculini? Populism and gender in Northern Europe and South America. *Patterns of Prejudice*, v. 49, n. 1-2, p. 16-36, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/0031322X.2015.1014197>.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. *Populism: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

NORTH, G. The Covenantal Wealth of Nations. *Biblical Economics Today*, vol. XXI, nº 2, fev/mar 1999

NORTH, G. The Intellectual Schizophrenia of the New Christian Right. In: Jordan, J. B (ed.). *The Failure of the American Baptist Culture*. Tyler: Geneva Divinity School, 1982, pp. 1-40.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Tradução de Marilene F. Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PAYNE, Jenny Gunnarsson. Feminism and populism: strange bedfellows or a perfect match? *Ética & Política / Ethics & Politics*, v. 25, n. 2, p. 269-283, 2023.

PEREIRA, E. Teologia do Domínio: uma chave de interpretação da relação política evangélico-bolsonarista. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, n. 76, p. 147-173, 2023.

PL Mulher. Disponível em: <https://plmulher.org.br/>. Acesso em: 27 dez. 2024.

PODER360. "Não olhe para meu marido, olhe para mim", diz Michelle em culto. [s. l.]: YouTube, 2022. Vídeo online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Sw3-0v4VP4>. Acesso em: 17 jan. 2025.

REIMER, Ivoni Richter; GUERRA, Danilo Dourado; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. O enigma da religião: religião e sociedade em Marx, Weber, Durkheim e Bourdieu. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, Ano XI, n. 32, p. 175-189, set./dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v11i32.43284>.

RENNÓ, Lucio; AVRITZER, Leonardo; CARVALHO, P. D. D. Entrenching right-wing populism under covid-19: denialism, social mobility, and government evaluation in Brazil. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 36, 2021.

RUSHDOONY, R. J. *Philosophy of the Christian Curriculum*. Vallecito: Chalcedon/Ross House Books, 2012.

RUSHDOONY, R. J. *The Institutes of Biblical Law: Law and society. Vol 2*. Vallecito: Ross House Books, 2010.

SCHAEFFER, Francis A. *A Christian Manifesto*. Westchester, Ill.: Crossway Books, 1981.

SILVA, J. O movimento “#ELENÃO” e seu apagamento discursivo sob a contranarrativa do “#ELESIM”. *Revista do GELNE*, v. 23, n. 1, p. 17–28, 2021. DOI: <10.21680/1517-7874.2021v23n1ID21275>.

XAVIER, Donizete. Teologia do domínio: a influência religiosa e o perigo da imagem do caos. *Teocomunicação: Revista da Teologia da PUCRS*, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1-11, jan.-dez. 2024.